N.º 40 (162) — 4.º ANNO

Terça-feira, 15 de Agosto de 1911

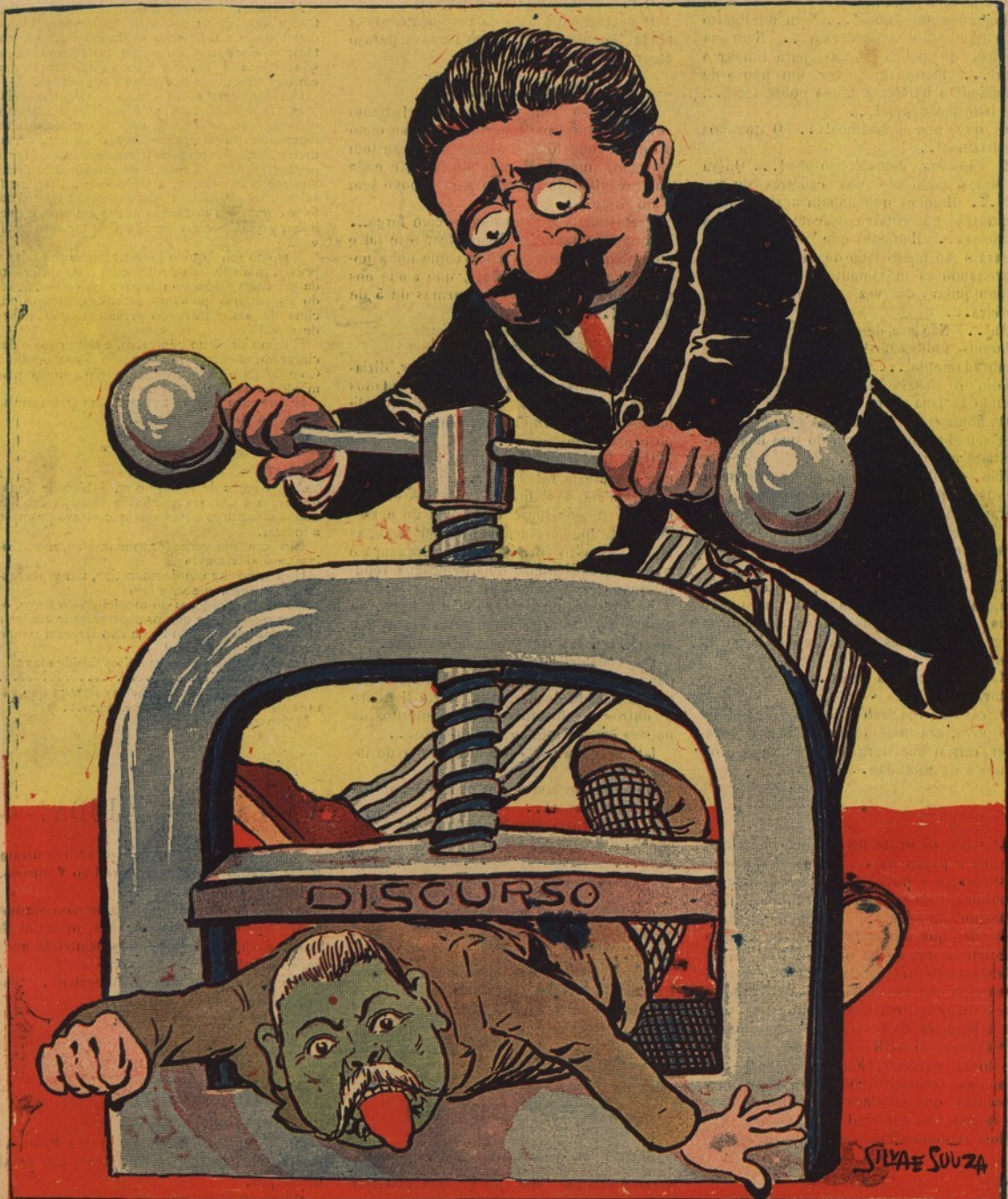
PREÇO 20 RS.

Semanario de caricaturas e humoristico
Propriedade da Empreza do jornal O ZÉ
DIRECTOR E EDITOR
ESTEVAO DE CARVALHO
CARICATURISTA
SILVA E SOUSA
ADMINISTRADOR
RICARDO DE SOUSA
IMPRESSÃO A CORES
Typ. do Annuario Commercial, P. dos Restauradores, 27
Composto e impresso na typographia NACIONAL
38, Rua da Conceição da Gloria (á Avenida), 40

O ZÉ

SUCCESSOR DO JORNAL «O XUAO»

Redacção e administração: R. da Rosa 162, 1.º, Esq.º — LISBOA

Atarracadella de mestre!

Com um aperto d'estes faz-se a gente verde e nunca mais torna á côr natural

PROTESTAMOS!...

Do norte ao sul de Portugal o numero de descontentes com a marcha dos negocios publicos, vinha crescendo ameaçadoramente a deixar entrever muito em breve a revolta justissima de quem se sentia ludibriado.

Nós os ingenuos—e que ingenuos nós fomos—julgavamos que a Republica, feita á custa do sacrificio de tanta vida seria o «ponto terminus» nos roubos, nas vinganças, nas perseguições, nos odios, nas luctas constantes, e que o principio sublime da Liberdade, da Egualdade e da Fraternidade, ia raiar emfim.

Ingenuos que fomos!... Nem um ligeiro interregno nos concederam... Nem as treguas de poucas horas para limpar o suor!... Pensavamos ver um pouco de Felicidade a bafejar a nossa pobre terra... e é isto que vemos!...

O que nós pensámos!... O que nós idealisámos!...

E não era demais pensal-o!... Quem tinhamos collocado nas cadeiras do poder?... Homens que tinham acamaradado comnosco na tribuna desconjunctada dos comicios... Homens que durante annos andaram ao nosso lado de armas na mão, espreitando os movimentos da vibora para a anniquilar de vez com uma descarga certeira...

Ah!... Não era demais pensal-o não!...

Fomos ludibriados!... Dizemol o desassombradamente!...

Com o desassombro que se deve ter quando se falla ao povo.

Os homens da propaganda estão fazendo precisamente o contrario do que nos promettiam nos comicios...

Não era demais pensar que ao regimen da devassidão succedesse um regimen de moralidade. Que a um regimen reaccionario torpemente conservador, succedesse uma Republica Liberal rasgadamente avançada!...

Não era demais pensar, que á monarchia, a «reles prostituta de faca na liga», cheia de chagas pustulentas a suppurar gangrena, succedesse uma Republica pura, immaculada!...

Mas não succedeu assim...

Moralidade!...

O caso Barrós, sabido e comprehendido pelo povo, era mais do que sufficiente para fazer cair o ministerio entre as vaias e os assobios da multidão...

*

A todos os protestos do povo, apresentam-lhe o papão da «consolidação do novo regimen», e o povo, no seu muito amor á Republica, cala-se... e soffre...

Desilludamo-nos!... A monarchia não é mais de que um cadaver que os vermes corroem e que de ha muito entrou no esphacelamento irremediavel da materia. A monarchia não resuscita... e os conspiradores não mettem medo a ninguem, porque a biqueira da bota ainda está solida...

Pensemos só na Republica. Amoldemol-a ao nosso caracter. Façamol-a passar por todas as transformações até ficar uma Republica que satisfaça um pouco as nossas indomaveis aspirações.

Uma republica modelar...

*

Reatando o fio do artigo:

O descontentamento era geral.

Partia principalmente dos elementos revolucionarios que tinham o direito de exigir uma Republica sã e moralisadora...

Que fizeram os ministros que se reconheceram incompativeis com o povo?

Demittirem-se seria a unica solução.

A consequencia logica dos factos...

Mas não fizeram assim. O calor das manifestações subira-lhes á cabeça e consideraram-se infalliveis.

Apostaram fazer face á tormenta que perto rugia ameaçadora, a despeito de tudo e de todos.

O resultado era facil de prever!...

O sacratissimo fogo da revolução estava ainda latente e um sopro bastava para o atear...

*

O que se tem passado no Parlamento revolta todos os espiritos. Alli se teem dirimido questões pessoaes e alli se tem chegado, quasi, a vias de facto, e nada que resulte de benefico para o povo tem d'alli saido...

Protestamos e protestamos com força...

Amamos tanto a Republica, e é tal o ciume que sentimos á ideia que nol-a podem roubar ou falsificar, que ainda nos não cairam das mãos as armas de 5 de outubro!...

*

O resultado era facil de prever, diziamos. Rebentaram os protestos, isolados talvez, mas que serão os propulsores de outros mais formidaveis, se este estado de cousas continuar...

Que fez o sr. Ministro do Interior logo que o protesto rebentou?...

Serviu se dos torpes processos da monarchia e encetou a campanha de perseguição de que ora acabam de ser victimas entre outros o dr. Macedo de Bragança e o dr. Mario Monteiro dois dedicados republicanos e revolucionarios audaciosos.

E é isto que nos revolta e indigna, na nossa qualidade de democratas sinceros e de portuguezes amigos da nossa terra.

Os conspiradores são postos em liberdade, mercê de uma protecção inqualificavel e Macedo de Bragança, Mario Monteiro e outros revolucionarios, «benemeritos da patria», encontram-se no Limoeiro...

Isto revolta nos e faz-nos tremer de indignação!...

Havemos de lavrar um protesto que hade ir por deante...

E' necessario que Mario Monteiro e Macedo de Bragança, sejam postos em liberdade...

Senão... protestaremos energicamente...

E o governo da Republica sabe já como os protestos do povo se pensam e se executam...

E' necessario que os revolucionarios de outubro sejam postos em Liberdade!...

LITRAS.

♣

Precisam-se

Duas pessoas «gradas» para compadres do rev. «Antonio Grunho».

«Quem se habilita?...»

O monopolio da entrelinha

Trapaça em innumeros actos e immensos quadros—Musica da fallecida Companhia dos Ascensores e lettra muito miuda da Companhia dos Electricos e d'uma vereação thalassa.

V

Já sabem «vocelencias», decerto, que o contracto dos electricos está falsificado. Nós ao dize-l'o não nos fizemos senão echo do que em tempos disse a Companhia dos Elevadores, o «Seculo» e a propria Camara que concordou em que effectivamente havia illegalidades.

Um dos numeros do «Seculo» de então dizia:

«...Depois do contracto perfeito e acabado, quando mais nada podia ser-lhe «acrescentado, diminuido ou alterado» houve alguem, certamente, um dos varios patriotas em que o paiz é prodigo, que se lembrou de introduzir aquella innocente entrelinha, e a viciação foi tão grosseira que a resalva d'essa entrelinha não só foi feita com outra tinta mas acaba em nova entrelinha, a qual, por sua vez, deveria ter sido resalvada.»

Mas não foi. Aquillo foi uma batotinha feita á pressa, atabalhoadamente, com tinta differente da primitiva e sem tempo para mais nada, ficando as ultimas palavras escriptas mesmo por cima da assignatura do presidente da Camara de 1898.

E como se vê no contracto, e os peritos o declararam, as entrelinhas que dão o monopolio á Companhia estão escriptas em lettra muito mais miudinha do que a outra.

E' que elles sempre tiveram uma lettra muito miudinha para tramar o Zé.

*

Ainda antes de 1906 já o sr. Sabino de Sousa declarára á Camara que havia no contracto dôs donos disto tudo nullidades que estava prompto a indicar.

Isto era um vereador monarchico, um «thalassa,» ó «libaraes!»

Hoje não ha um democratico, um representante do Povo, que veja isso?

Os administradores do municipio do Povo, os eleitos pelo Zé, os que prometteram ir cuidar a valer das suas massas ainda não tiveram tempo para toscar essa coisa?

Ou dão-se bem com as coisas falsificadas?

. . . .

Mas deem-nos «vocelencias» licença que vamos ali fallar á D. Falta de Espaço...

Até para a semana, sim?

♣

VÁ LÁ UMA AJUDA!...

Ouçam, meninos: os conspiradores foram pedir auxilio moral e material ao Vaticano.

Que lhes dará o papa?

Auxilio moral talvez os ajude com alguns padre-nossos e como auxilio material lá tem o bispo de Beja para as primeiras neccessidades!

Como veem é auxilio moral e... immoral!

Doidice

Diz o sr. João Gonçalves que a Penitenciaria é uma fabrica de lôucos, um covil de doidos.

Olhe, doidos são aquelles que lá não metteram o Espregueira e quejandos «homens honrados!

Separação das Egrejas do Estado

Dissemos em nosso ultimo artigo que, a sciencia de governar povos, não é para todos nem todos são para ella, governar o povo não é preparar o povo para derrubar um regimen!

Eis o grande mal, o peior mal, que a tarde de 5 d'outubro legou á patria portugueza!

Não basta dizel-o, é indispensavel argumentar e doutrinar, porque palavras são palavras e não é com méras palavras que se orienta, que se educa o povo.

Hontem, dissemos ter sido um mal; hoje, dizemos poderia ter sido um crime a irreflexão d'uns e o egoismo d'outros! E porque não dizel-o aqui, na tribuna sagrada onde deve subir apenas a verdade em toda a sua mudez forte e com toda a eloquencia da sua infalibilidade? Dizel-o sem cobardia porque a verdade é que nos ha-de conduzir ao caminho do rejuvenescimento e levará a tomar logar ao lado das grandes, das poderosas e progressivas nações do mundo.

Foi um erro, para não dizer um crime, a ascenção ás cadeiras do poder, da maior parte dos idolos do povo, dos que idiologamente tanto trabalharam para arranjar no espirito da multidão essa sublime e intangivel causa que hoje illumina esta colmeia d'oiro que o mundo inteiro inveja e nós, filhos d'ella, tão indifferentemente n'ella vegetamos; foi de encontro á Sciencia, foi insultar a razão, subir ao pináculo do mando e do poder quando, melhor que ninguem, sabiam que para derrubar, que para levar a multidão ignára á revolução, indispensavel era ludibriar, quero dizer, promettêr, garantir o pão que não podiam dar no dia immediato ao da revolução! Então os paladinos do povo, não conheciam o povo, não sabiam que a multidão é insaciavel, que a propria cegueira do povo se transformaria n'um só momento na ira da pedincha e da exigencia do pão que ha tantos seculos lhe recusavam? Triste e bem triste foi a prova real que nos deram da sua capacidade scientifica.

Em nome da grandeza do ideal pelo qual tanto trabalharam, em nome da sublime ordem, em nome do triumpho da republica, deviam ter sacrificado o egoismo d'uns e a ambição d'outros, para a salvação da sua propria obra de destruição! Quem destruiu — não podia nem póde ser um bom constructor.

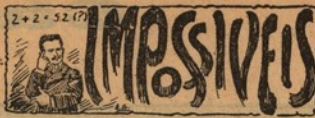
A maior, a mais gloriosa obra d'acção que lhes competia—era a immediata evagelisação do povo, indo ao encontro d'elle ao mais recondito canto do paiz onde, nunca a luz do ideal democratico tinha penetrado! A obra da dictadura, a obra das duras leis que tinha e urgia fazerem-se para o bem da patria, competia aos homens que, nunca tinham chegado até á multidão insoffrida e revoltada e nada lhes tinham promettido! Esta é a grande verdade ou a logica é uma batata! Foi rasgar uma pagina de gloriosos serviços ao povo e á patria; foi provar eloquentemente que não conheciam a psichologia do seu povo que orientaram e levaram até á immorredoira gloria do triumpho de Portugal — a implantação da republica.

Restam-nos poucas palavras, da analyse ao projecto e relatorio apresentado pelo erudito jurisconsulto dr. Eduardo d'Abreu, sobre a Separação das Egrejas do Estado; sem duvida, é um trabalho brilhante, prova a fecundidade do cerebro que o produziu, e corrobora, a opinião de ha muito formada em favor do illustre parlamentar.

O que em nome do dever e da verdade, não podemos deixar de dizer é que o sr. Eduardo d'Abreu, foi infeliz, no seu trabalho de analyse á lei do grande (sem favor ou intuito de louvaminhice) estadista dr. Affonso Costa, sendo para lamentar, qne o velho republicano, tão de animo leve tratasse uma transcendente questão como é a da Separação das Egrejas do Estado.

Affonso Costa provou d'uma forma eloquente, a lisura da sua lei, provou o seu bem invejavel talento e o que é ainda mais—d'entre o actual ministerio, é o unico com faculdades para bem saber governar os destinos dos povos e d'uma nação como por emquanto ainda se encontra Portugal.

Nada fomos em ominosos tempos, nada somos no preterito momento, e não ha ninguem capaz de dizer sequer—que nos viu nem de longe, pelas repartições do Estado, nunca quizemos d'elle logares, muito menos hoje, por isso, não é um requerimento, o que dizemos hoje do notavel homem d'Estado, diriamos d'outro se os factos fallassem como a eloquencia nos falla d'esse priviligiado cerebro que germina e produz o que o povo portuguez tantissima vez tem visto. Mais quatro homens como Affonso Costa, (apezar de todos os seus defeitos) e Portugal, em 10 annos, ditaria novamente leis ao mundo e não haveria um francez, um allemão ou um italiano que, não preferissem viver uma só hora mas serem filhos de Portugal!

ARIEJNARAL.

—O celebre reverendo Grunho deixar de matar gallinhas dos visinhos que depois enterra no quintal.

—A Arminda ir para a Pedreira.

—O reverendo Grunho apparecer no Avellar.

—A Arminda deixar de perguntar ao regedor «quem foi que te disse»... cala-te bocca!

—Os republicanos adhesivos de Aljustrel terem vergonha.

—O Pinto d'essa villa passar sem apanhar sopapos quando falla demasiado.

—O Serra e o Romana portarem-se de maneira que não tenham de passar as palhetas.

—O Gerimbote sahir de casa, onde está fechado.

—O commerciante Sezudo cumprir a lei do descanço semanal, o que trataremos mais de espaço se o não fizer.

—Tirar-se a designação de D. Amelia á Assistencia Nacional.

—Metter-se na pinha do sr. Camacho que só sendo radical é que tem o apoio publico.

—Saber-se porque é que se fazem tantas despezas desnecessarias.

—Tirar-se o letreiro da rua do Principe, T. Jesus Maria José, T. de Santa Quiteria, etc., ruas com o nome já substituido pela Camara.

—Deixar de parecer assim que só houve pressa em substituir as placas da rua do Mundo e da rua do Seculo.

—Haver coisa que nós leve mais dos diabos do que a rua da Rosa não se chamar tambem rua do Zé.

—Saber-se porque é que «O Zé», «O Zé» tezo, «O Zé» refilão que está sempre aqui na berra, não merece essa homenagem...

—A estação telegrapho-postal de Avellar ter casa propria para o respectivo empregado habitar.

—O rev. Grunho deixar de andar raivoso devido ás verdades que aqui se dizem.

—Os rosados republicanos do districto de Leiria terem só um partido.

♣

Nunca mais

«O Zé» faz uma grandiosa manifestação á Camara, «O Zé» embandeira em arco, «O Zé» até arvora a bandeira no mastro, no dia em que terminarem as obras que desde a era dos Affonsinos, andam aqui a fazer na rua da Rosa.

Novas & Velhas

O sr. Zé d'Almeida mostra-se disposto, apesar de se «exaltar» muito, a ficar «serenamente» no ministerio, continuando pois a julgar ingenuamente que dá alguma coisa em ministro.

*

O dr. Affonso Costa foi levado em triumpho ficando por isso os outros ministros a roe na... eloquencia dos factos.

*

O dr. Camacho não manda vir azeite de Hespanha porque receia que de lá nos mandem oleos. Ora de oleos está s. ex.ª farto... Basta-lhe o cebo...

*

O sr. ministro e o sr. lavrador estão ambos bem, obrigado.

*

O sr. Gomes quer que haja presidente pela mesma razão porque quer (visto que os tolera) governadores coloniaes com muitas equipagens ao serviço, e muitas «massas» para despezas, o que é immensamente democratico.

*

O sr. dr. Bernardino Machado entende que o governo deve ficar e que d'elle deve sahir o presidente.

Por exemplo: s. ex.ª, modestia á parte...

*

O sr. coronel Barreto, ao escrevermos esta, anda por fóra, na grande, e... nós não cortamos na casaca de quem está ausente.

*

O paesinho Theophilo continua presidente sem pasta; em compensação não larga o chapeu de chuva.

VIU SE GREGO.

♣

Fiat Justicia

E' o titulo, d'um sensacional artigo de Ariejnaral, que publicaremos no proximo numero.

♣

Ao Grunho

«Reverendo Grunhidor;»
Reverendo athalassado;
Reverendo sem pudor;
Reverendo mal-creado;
Cá recebemos teu coice
Escripto á margem do jornal;
Vê-se ser dado com furia
Mas não nos fez nenhum mal.
Tu erraste essa parelha
Déste com as patas no ar,
Deves 'star de murcha orelha
A' mangedoura a zurrar!
Tem paciencia meu velho
Indecente padre-cura,
Vira agora a ferradura
E escouceia no Evangelho.
Tartufos nós! ai que graça!
Tartufo és tu, meu thalassa!
Tartufo és tu, indecente
Que andas a explorar o crente
Fallando em Deus justiceiro
P'ra lhe apanhares dinheiro,
P'ra lhe apanhares a massa,
Meu masmarro, meu sendeiro
Meu tartufo, meu thalassa!

Cautella, muita cautella!

Em logar de se jogar com a pobre bolla, não seria melhor cuidar do que ella precisa e dirigir os ponta-pés a pontos onde ha mais perigo?

Azeite caro...

Por causa da tal coisa do azeite succedeu-nos uma peripecia muito interessante. Para alguns talvez não tenha importancia, mas não é para esses que escrevemos; portanto se querem ouvir, lá vae:

Sahiamos nós do Terrasse muito commovidos com uma fita de 3 kilometros (25.ª parte da Escrava Branca) quando, por um descuido proprio de qualquer mortal, esbarrámos muito amavelmente com uma senhora fina, graciosa e elegante... typo de sopeira bem cuidada. No abalroamento deu-nos uma pisadella deliciosissima.

—Oh! perdão, cavalheiro! disse-nos ella com a mais timbrada voz de soprano ligeiro que temos ouvido.

—Ora essa! respondemos nós completamente derretidos. Tem a bondade pisa outra vez, minha senhora!

Ora foi assim que começou a questão. Descemos o Chiado, fallando amigavelmente em coisas ensinadas por Cupido desde que se formou o primeiro homem.

Ficou assente que sim...

Degois recahimos em coisas banaes e viemos a saber que ella vinha de gente fina e se encontrava servindo unicamente por estar separada da familia que desejava casal-a com um... padre.

E foi a conversar d'esta maneira que nos installamos commodamente n'um gabinete reservado d'um restaurant da Baixa. Sentámo nos ao lado d'ella e taes coisas fizemos que nem viamos o criado que nos perguntava o que desejavamos pela terceira vez.

Levavamos pouco dinheiro, o que é absolutamente trivial e pedimos sopa e mais dois pratos devido a essa grande abundancia... de falta de massa!

Trouxe o criado o primeiro prato e retirou-se. Começámos logo a refeição.

—Que boa sopa! diziamos nós, fazendo-lhe festinhas na cara—gostas?

—Gosto, respondia ella.

A sopa era d'aquellas sopas boas que levam chouriço e teem alguma massa... Uma delicia!

Ah! esperem! o chouriço que ella ia comer cahiu-lhe das mãos e sujou-lhe a saia. Mas não houve novidade por isso...

Veio o segundo prato: Não sei que de cebolada. Este então soube a pouco. A pequena revirava os olhos porque realmente aquillo estava picante como burro.

—Pica! dizia ella.

—Pica! Pica! diziamos nós, muitissimo satisfeitos.

Entrámos emfim no terceiro e ultimo prato: Bacalhau com batatas.

O criado serviu-nos, poz o galheteiro sobre a meza, fez uma venia e retirou-se. Fechámos a porta.

Pelo gabinete adejava um cheiro a bacalhau muito caracteristico. O calor suffocava-nos.

—Gostas d'este prato? perguntámos.

—Immenso! Gosto porque é o prato mais proximo do «resto», visto que é o ultimo.

—Do «resto!» Qual «resto?»

—Ora! Qual «resto!» respondeu ella, muito languidamente. E sem mais nem menos agarra-se nos com unhas e dentes, parecendo que nos queria comer com bacalhau e tudo.

—Ah! o «resto» é isso? balbuciamos vagarosamente...

....

....

—Então, custa! Que queres?

—Ai! Só se fôr com muito azeite...

—Lá vae mais...

....

....

Chegou o fim. O bacalhau não se comeu todo, mas o frasco do azeite estava despejado.

Batemos as palmas e apparece o criado muito risonho.

—Quanto é?

—Mil e quinhentos réis!

Foi peior que levar um tiro na Rotunda. Tanto assim que fizemos uma cara de trezentos diabos.

—Só de azeite foram dois decilitros: seis tostões! diz o criado implacavelmente.

—Azeite dois decilitros! (Pois se nem comemos bacalhau) Barafustámos esquecidos do que se passára.

—Bem sei, mas o azeite gastou se. Está todo no chão! Desappareceu, deve ser pago...

....

A' sahida diziamos para ella:

—Tem graça! E nós que viemos fazel-o...

Isto é que é!

Na villa de Montalegre um orador enthusiasmou a tal ponto os que o ouviam que uma mulher exclamou:

—Nosso Senhor lhe conserve a lingua por muitos annos.

Vejam como a nossa provincia já está civilisada. Parece um dito d'uma senhora de Paris!

AO POSTIGO

Sabe todo o cidadão
Que está o papa doente
Com uma constipação.
Mas que grande enrascação!...
Onde se metteu a gente!...

Porque estar doente o papa
E' o mesmo que estar Christo,
Que nos governa á sucapa...
Santo Deus se ell' não escapa,
Onde é que irá parar isto?!...

O suor em bagas me escorre
E só de pensar no risco
Que a humanidade corre!
Calculem se o papa morre,
Lá se faz o mundo em cisco!...

Entrae, beatas, na egreja
E pedi em voz bem alta,
Que o destino nos proteja...
Pois, mesmo burro que seja,
Um papa tambem faz falta!...

O Chronista.

ORA O DIABO...

No nosso numero passado quizemos publicar um extracto do discurso do sr. Brito Camacho na Constituinte e escrevemos entre outras passagens do dito discurso:

«Portanto, se o sr. Eduardo d'Abreu póde sahir da camara com a cara levantada, elle póde sahir egualmente com ella «bem levantada» como sempre andou».

Pois o maldito compositor na altura da referencia á cara do illustre ministro, compoz: «com ella bem lavada!»

Diabo do homem!

Esta do Brito Camacho com a cara bem lavada só lembraria ao maldito!

Estante cá de casa

«Lá mode de Paris» N.º 6. Journal contenant les derniéres noveautés. Agente para a venda em Portugal—Augusto Rodrigues Midões, R. de S. Nicolau, 90 e 92—Lisboa.

Magnificamente impresso a varias côres, emoldurado a ouro, recheiado de lindas mulheres e louros «bebés» entre os seus mil figurinos, com damas envergando as ultimas modas, em trajes de passeio, de baile, de «touriste,» de carnaval, —bailarinas, camponezas, tirolezas, etc., etc. e até com encantadoras noivas e inconsolaveis viuvas, trazendo tambem como brinde trez magnificos moldes cortados, sendo um de saia chic outro de casaco elegante e outro de manteaux para menina, e publicando a traducção em portuguez da designação de todos os modelos, recebemos a visita deste magnifico jornal de modas, que a Casa Midões, teve a amabilidade de nos enviar.

Como dissemos «La mode de Paris» apresenta-se admiravelmente impressa em muito bom papel e para dizer da sua utilidade basta mencionar que traz mil figurinos nas suas cincoenta e tantas paginas.

O seu custo é de 400 réis e o preço annual de 700 réis.

Ao sr. Augusto Rodrigues Midões, nossas felicitações e agradecimentos.

"Os Grandes Armazens do Chiado„

Como este titulo indica é o orgão dos Armazens do Chiado, que rèclama os seus artigos. Recebemos e agradecemos.

Ao sr. Ministro do Interior

Só a absoluta falta de espaço, nos obriga a não tratarmos hoje, das justissimas reclamações dos prestimosos amanuenses dos extinctos Commissariados de Instrucção Primaria que continuam tal como d'antes. Coitados, não teem lampada de Meca.

APPOIADO!

D'um extracto da Camara:

«O sr. Casimiro de Sá envia para a mesa uma proposta reclamando a lei egual para todos. A proposta foi regeitada».

E viva a «Liberdade» a «Egualdade» e a «Fraternidade!!»

O Zé na feira

Rotunda dos Heroes, 13 de Agosto.

Meu baratissimo leitor:

Não te vás aborrecer. Eu escrevo-te esta carta da Rotunda dos Heroes, onde elles foram poucos para agora serem mais dos que as mães. Esta é a Rotuda, que tu deves vir ver se ainda não viste, a Rotunda onde se atrombou a tanta coisa boa de bórla á custa da revolução. Não andes triste, homem! Tristezas não pagam dividas... e a gente não as paga tambem. Vem até á feira de Agosto.

Traz a mulher e os petizes que á outra vez virás então com a tua sopeira, sem que a tua mulher saiba.

E' escusado vires carregado com farnel. Tens cá onde comas bom e em conta. Cá te espera a

Maria Botas

com o seu Restaurant Social situado em frente do Cine Palais. Entra que o serviço é esmerado. A musica do Cine vae tocando coisas alegres. Abanca e manda vir. Manda encher uma garraforia do bom vinho da **Maria Botas**, que esta vida são dois dias, e se outra vida existe não consta que tenha lá alguma feira linda como esta. O menú por onde escolherias é fino e variado proprio para a assistencia escolhida que aqui vem. Airosas raparigas servir-te-hão tão delicadas, tão sorridentes e tão gentis, que tu has-de abençoar esta casa encantadora.

Agua da Mina

Porque não has-de tu vir á feira?

Vem cá muita gente bôa. Olha, hontem fomos nós encontrar o pae Theophilo na

Adega da Figueira

—O que me fez entrar—disse-nos elle—foi aquella quadra que o **Abel** tem á porta;

> Cinco coisas ha aqui
> Que não ha em toda a feira:
> Agua pé, retiro, jardim
> Cascata e uma figueira.

Effectivamente entrei na **Adega da Figueira** e vi que o **Abel** tinha cá dentro o que dizia lá fóra. A **Adega da Figueira** tem um bom **retiro** ao ar livre.

A's terças e sextas ha sopa de feijão encarnado e dobrada á jardineira tudo confeccionado com inexcedivel aceio. Vinho verde e maduro, e **a bella morena**, a agua pé excellente que o **Abel** vende aqui e é fabricada na sua succursal da **Adega da Figueira** na R. da Bôa Vista, 116.

Agua da Mina

E o pae Theophilo a explicar isto, a piscar os olhos mortiços de sabio, convidava-nos a visitar as outras barracas.

Fomos á da

Tia Anna do Grão

a barraca do nosso amigo **Franco** que se esmera em bem servir a sua freguezia. A **especialidade** desta conceituda casa, como o titulo o indica é o bello **bacalhau com grão** temperado admiravelmente pela **Tia Anna**. Quando saimos d'esta casa onde o vinho não é vinho é um **vinhão**, o pae Theophilo andava já com o chapeu ás trez pancadas e foi preciso mettel-o n'um electrico para casa, entre as dez e as onze.

De cima do carro ainda elle nos gritou:

— Olhem lá, eu gosto muito da feira.

— Está bem, está bem...

— Ainda cá me hei-de vir... estabelecer...

— Quem, V. Ex.ª? E com quê, com farturas?

— Sim, eu, e então? Com uma barraca de chapeus de chuva.

*

Como o pae Theophilo nos tinha feito lembrar de farturas fomos em cata d'uma barraca que fabricasse essa goloseima de endoidecer e a primeira que encontramos foi a

Nova Barraca de Farturas

da **filha do antigo fabricante**. Esta casa fica situada quasi ao principio da feira, do lado direito e tem na chaminé um grande **annunciador illuminado. 20 empregados** que fazem por bem servir o freguez, em constante vae-vem, servem as saborosissimas **farturas**, feitas a primor que os freguezes regam com o **melhor vinho branco** que se vende na feira. Aqui é que é lamber os dedos... e chorar por mais.

Agua da Mina

Na feira ha tambem uma praça de touros que dá corridas continuas, diurnas e nocturnas. E' o

Campo Pequeno

uma praça de **vinhos da Moita** da empreza de **João Florencio**. Em todas as corridas se correm **10 cascos** purissimos, tomando parte **2 espadas**, os cidadãos **Pratos do dia**, **4 cavalleiros** e **14 bandarilheiros**. O mestre da banda, é o cidadão **vinho verde**.

Ninguem deixe de vêr estas sensacionaes corridas. Como agora ha muita difficuldade para ir vêr as de Badajoz, venham assistir ás do **Campo Pequeno na Feira.**

A Antiga Barraca das Farturas

muito conhecida pelos frequentadores da feira pela barraca do **Julio das Farturas**, foi a que **ganhou o 1.º premio** concedido pelo jury de que faziam parte auctoridades technicas e artisticas como os srs. Pina e Ventura Terra, sendo por isso esta barraca considerada a **melhor da Feira**. Do sabor das **farturas** lá fabricadas e do **vinho branco doce** e **especial vinho fino** nada diremos a quem nos lê, pois que (iamos apostar!) já lá tomou decerto alguma «piella» (sem querer, está claro!) Só lhes diremos que **quarenta e tantos empregados**, n'uma azafama enorme, não chegam para as encommendas.

No mosteiro do

Padre Antonio

o sr. Machado apresenta-nos na sua adega ao lado a venda a copo de excellentes vinhos, **maduro de Aldegallega**, **branco verde** e **tinto de Vianna do Castello** e na fresca esplanada com vista para a Avenida, gentis damas em traje de phantasia (ai meninos!) servem-nos um bello serviço de **restaurant** e de **cervejaria Germania**. **Iscas**, esse petisco adorado do povo alfacinha, ha alli todos os dias e o prato é variado. Tem succursal, na R. de José, 195.

O maior successo da feira é o

Tiro aos Pombos

que só se encontra na grande **Carreira de tiro** da sr.ª D. Georgina Amalia de Oliveira. **O Tiro aos Pombos** fica quasi ao principio da feira na **Rua da Nova Barraca das Farturas**, e o melhor reclame que se lhe pode fazer é dizer-se que todos os dias alli se abate grande quantidade de pombos, pois só **alli** é que existe esse divertimento.

Po baixo do **Caracol**, perto do **Circo Russo** a

Barraca Arganilense

onde se fazem as **authenticas**, as **verdadeiras frituras de farinha e ovos** vulgarmente chamadas **farturas**. Foi alli no **retiro ao ar livre** que nós fomos encontrar o **Zé Ilheu** alegre com o **especial vinho branco sem egual** (elle é tão bom!) a fazer versos ás farturas e a proclamar aos quatro ventos que o patrão era o melhor fabricante de farturas que existe no Universo!

O Zé

O sr. Luiz Pereira abriu na R. do Circo Russo em homenagem ao nosso jornal, uma barraca muito bonitinha e muito aceiadinha a qve poz o titulo de «O Zé», homenagem que muito agradecemos. As especialidades do seu estabelecimento são, alem d'um bello vinho, excellentes **bifes** a quatro vintenzinhos só, e **saborosos pasteis de bacalhau.**

O Moraes do Padre Antonio

(antigo empregado do mosteiro do Padre Antonio)

> O Moraes do Padre Antonio
> Que é levado do demonio
> E tirado das canellas,
> Offerece á freguezia
> O rico prato do dia
> Servido por moças bellas.
> Tambem tem lá «genifofe»
> Para consolar o bofe
> Não fallando no «entallado»
> Nem no bello «di o café»
> Nem na cerveja que é
> De deixar tudo banzado.

Adega do Saloio

E' na **Adega do Saloio** que se encontra o bello atum com batatas.

E' na **Adega do Saloio** que se bebe um vinhão de detraz da orelha.

E' na **Adega do Saloio** que ha mezas á sombra de magnificas arvores.

E' na **Adega do Saloio** que ha gabinetes reservados.

E' na **Adega do Saloio** que se serve bem o freguez, Amen.

Vicente da Porcalhota

Uma nota triste:

O Vicente da Porcalhota, o tão conhecido proprietario da carreira do Tiro, que nós conheciamos apenas ha dois dias, mas a quem já muito estimava-mos pelo seu todo dado e simples e pelo seu feitio alegre e desprendido, tendo, sem nos conhecer, promptificado-se a dar-nos informações e acompanhar-nos desinteressadamente na nossa peregrinação pela feira, falleceu repentinamente...

Agua da Mina

Queriamos fechar esta chronica alegremente e fechamo-la tristes. Paciencia.

A vida é isto e por ella ser assim é que se deve aproveitar os trez dias que cá estamos.

GREGO & LORENO.

♣

Viseira carregada

Já depois de composta esta secção fomos obrigados a retiral-a bem como muito mais original, que a falta de espaço nos não permittiu publicar.

♣

Espectaculos

Colyseu dos Recreios—Recitas populares a meios preços pela magnifica companhia italiana.

Variedades—A engraçadissima revista «Peço a Palavra!»

Chiado Terrasse—O melhor animatographo de Lisboa—Estreias consecutivas.

Salão Trindade—Das 7 1|2 ás 11 1|2 animatographo muito nitido.

Feira d'Agosto

Chalet Julia Mendes—Saude e Bichas.

Chalet Avenida—Sombra de Herodes.

Circo Russo—Interessantes trabalhos executados por animaes amestrados.

Chalet Republica—Companhia espanhola de variedades (Na R. Central,, proximo á Adega da Figueira).

O XUAO a rever-se na sua obra!

O ZÉ pediu azeite barato e deu-se-lhe môlho de graça!